

## A Coletividade Judaica Brasileira: Sua Juventude

Nosso movimento, da fase de organização juvenil na Golá, até mesmo a época em que somos já chaverim de *kibutz*, refletiu e reflete ainda as características da coletividade judaica que nos produziu. Algumas palavras, pois, sôbre ela e sôbre sua juventude.

A coletividade judaica brasileira é de formação recente. Foi após a 1ª Guerra Mundial que principiaram a chegar judeus em massa, primeiro do grupo europeu oriental, russos, poloneses, lituanos, e rumenos. Na década de vinte, iniciou-se a imigração de judeus sefaradim, principalmente de Oriente Médio, como sírios. O fluxo manteve-se até a 2ª guerra, reforçado, após 1933, pela imigração do elemento judaico alemão. Após a guerra recomeçou a imigração de refugiados e imigrantes judeus em geral.

O número total de judeus hoje no Brasil alcançará 120.000, divididos por meia dúzia de cidades maiores. Os grandes centros, Rio e São Paulo, com 40.000 judeus cada um, e Pôrto Alegre, com pouco mais de 10.000.

A situação econômica do judaísmo brasileiro é brilhante. Concentram-se nas posições econômicas típicas de intermediários comerciais, numa série de ramos de produção entre as quais se destaca o de moveis, e possuem na mãos a clássica indústria de vestimentas, calçados, roupas de todos os tipos, etc., da fabricação à distribuição. Chegados ao Brasil num momento de início de expansão comercial e industrial em larga escala, souberam valer-se de seu talento e tradição comercial para alcançar, em poucos anos, situações excelentes. Tal tendência, que se acentuou ainda mais com a 2ª guerra mundial, mantém-se, por enquanto. O progresso econômico determinou, aliás, nos últimos anos, certo início de participação de capital judeu em novos campos, indústrias básicas, imóveis, importação e exportação, negócios bancários, etc.

Encontra-se o judaísmo brasileiro em franca assimilação. Não existe qualquer tradição judaica arraigada no Brasil, e nem são as

coletividades suficientemente grandes, ou suas partes componentes suficientemente unidas, para que seu número constitua um fator de agregação sério. Mesmo nas coletividades maiores, mantém cada um dos três grupos, europeus orientais, europeus centrais, e sefaradim, vida comunal aparte. Uma organização-teto, federativa, reúne de forma muito relativa tôdas as organizações e instituições judaicas. As atividades pró-Israel, principalmente, provocaram certa aproximação. Mas vida comunal verdadeira, não existe em conjunto.

Não existe qualquer oposição ou inimizade mais séria por parte do elemento não-judeu. Não há anti-semitismo organizado no Brasil, não por nenhum acaso, mas porque levará ainda anos antes que a expansão econômica brasileira atinja o ponto de saturação que determina o início da pressão contra todas as minorias possíveis de serem afastadas do mercado concorrente.

O movimento sionista brasileiro reflete a situação sociológica da coletividade; é um sionismo de campanha, inteiramente desprovido de elementos educativos, informativos e formativos sérios, sôbre Israel ou o sionismo em geral; aliás, não existe nem interêsse e nem formação em relação a estas coisas; a fôrça viva do sionismo brasileiro vem de reflexos maiores ou menores do antigo sentimentalismo e tradicionalismo de gerações educadas na passada intensa atmosfera judaica da Europa Oriental, ou de algum sentimento de dever, entre o elemento europeu central. E é mesmo difícil imaginar, nas condições atuais, uma ligação diferente.

A juventude judaica brasileira é um reflexo da situação da coletividade, reflexo agravado em muito, por tratar-se da segunda geração, que perde o grande valor que a ligação tradicional ao povo representava ainda em relação aos pais. O índice de frequência de escolas judaicas é muito baixo, e clubes ou sociedades judaicas que, além de dansantes, ofereçam algo positivo no terreno judaico, não existem, e não existem porque interessam muito pouco. O idish é cada vez menos conhecido. Aliás, nas instâncias sionistas brasileiras, e não apenas nas sionistas, mas nas instâncias em geral que se ocupam com a organização da vida judaica no Brasil, não há, praticamente, renovação alguma por parte da geração mais jovem.

Finalmente, não encontrou a juventude judaica, no meio-ambiente a que assimila, grandes valores culturais ou espirituais que a valorisassem ou elevassem um pouco. É uma juventude de vida espiritual muito pobre, muito indiferente a tudo, que se dissipa em bailes ou

prazeres mais caros, de acôrdo com as possibilidades econômicas do pai de cada um. Uma juventude de vida fácil, onde cada qual vê uma existência cômoda pela frente, quer como profissional liberal, quer como comerciante. Uma pequena parte caiu sob influência de círculos "progressistas", alguns por moda, outros por realmente procurarem fugir à vida estéril que se leva. Nem por isto, uns e outros deixam de ser bons estudantes ou comerciantes, homens, enfim, cômodamente adaptados aos valores e prazeres do mundo em que vivem.

Os movimentos juvenís sionistas realizadores, cujo programa é organizar a juventude para *aliá* e *kibutz* em Israel, levam uma dura existência, em tal ambiente. Existem dois, hoje em dia: O Ichud Hanoar Hachalutzi (antigo DROR e GORDANIA), e o Hashomer Hatzair. Há ainda algumas outras organizações, mas fracas e inexpressivas. O desinterêsse da juventude pelo chalutzianismo é grande. Nem ela sabe de porque ligação com Israel, nem quer mudar o tipo de vida; como se costuma dizer, prega o profeta num quase deserto.

Não deixa de pregar, por isto, e nem deixa de obter certo resultado. Os movimentos vivem, um pequeno afluxo existe, desde que haja, é claro, uma colossal inversão de trabalho. A *aliá* do jovem preparado para o *kibutz* não se interrompe. Em geral, a capacidade da influência israelí sôbre a coletividade tende a crescer, à medida que Israel possa dispender maiores esforços nisso.

Êste, pois, é o ambiente judaico do qual viemos, e no qual o movimento ainda vive e trabalha.